

10 JAN 1988

A sombra no combate

GERALDO FORBES

Grandes mudanças neste início de ano. Um novo ministro da Fazenda e até os homens do presidente mudados quatro anos. Como se não bastasse, a Constituinte, por seu partido majoritário, lança-se ao trabalho e breve teremos o parto da montanha. A inflação em queda, a bolsa em alta. A Pátria está salva.

Isto tudo é o que os nossos grandes órgãos de desinformação vêm publicando. A verdade é bem diferente. Inflação em queda com as taxas presas e a recessão em alta não é sinal de saúde. É sintoma de doença mais grave — a estagnação.

Partido majoritário é o que não existe no Parlamento. Nem se pode mais dizer que haja algum partido bem estruturado e uniforme fora o PT e os pequenos PCs. O Centrão é a associação partidária e a Constituinte é hoje palco do maior espetáculo da geléia geral, de compra e venda de votos e favores, de confusão ideológica e irresponsabilidade política e pública que o País já presenciou. Uma vergonha.

O novo ministro da Fazenda é velho, menos novo. O sr. Delfim Netto tem muitas habilidades mas ainda não descobriu a fonte da juventude e não é outro sendo ele, via Galvães, o mentor do grande intelectual Mattos de Nóbrega. Este não passa, nem passará de um secretário-gerente, pronto a fazer tudo que seus mestres mandarem. A começar do trenzinho do Sarney.

E finalmente, chegamos a grande peça do começo de 88. Leonidas e Prisco Viana são por quatro anos; o próprio usurpador estaria resignado. Mentra deslavada, sofisma miserável.

O que o grande cabo-de-guerra e o pequeno malufista da Bahia articulam, em dois fronts diferentes, continua a ser a permanência de Sarney e seu bando no poder, por cinco anos. No front superficial, o que o ministro de Guerra disse atrás das flechas ligeiras dos microfones azuis foi que estaria a favor de quatro anos se, e apenas se, houvesse eleições gerais. Esse Pires gosta mesmo de sombra e das ameaças sombrias. Não prefere os quatro anos; quer proibi-lo se não vier com eleições gerais.

Ora, esta é a melhor ideia para nós e também claramente a pior possível para os deputados e senadores. Na front subterrâneo o que o ministro da Habitação (e talvez logo do Gabinete Civil) vai fazer é justamente insistir na tese, não para vendê-la de verdade, mas para com ela assustar as frágeis espinhas dos parlamentares. Em uma mão, o bicho papão, na outra, um biscoito recheado de verbas. A cachorrada não resiste. É pavloviano.

Como a população efetivamente quer enxotar Sarney da Presidência o mais rápido possível e os deputados, de volta de suas bases, sentem-se pressionado por elas, o jeito de dar cinco anos, sem contrariar frontalmente o eleitorado e se suicidar, é disfarçar a jogada, empurrando a Constituinte com a barriga insaciável do Centrão. Atrasa-se a Constituição, postpõe-se a eleição. Simplíssimo.

Parece que o senhor de Curupu é dono do palacete do Calhaz (tudo é claro, comprado e feito com o suor de seu rosto, terreninho na Vila Maria e a herança da mulher) vai continuar sua reinação. A armadilha já está montada. Leonidas, Antonio Carlos, Prisco, Saulo e Murad a postos. As burras abertas, os burros distraídos.

Pois olhem, não sei se é a fé ingênua de ano novo ou o quê, mas algo talvez a rainha já palpável que antecipa o turbilhão, dia que desta vez não passa. Somos muito mais e quando nosso desprezo virar ação, os gritos de nossas bocas encherão os céus, removerão montanhas, e finalmente despejarão a luz da perestroika e da glasnost sobre os vampiros do complexo político-burocrático-militar que suga o Brasil.

Deste ano não passa. Os guerreiros do Curupu, os mercenários do Centrão e o general Leonidas vão ser desbaratados. Copa e cozinha vão ser desbaratadas. Sarney, baratinado, será destronado.

Só falta a campanha eleitoral ir para a rua, e tudo ruirá. Vai acabar dando o jacaré. Gerais na codeça. Ciao Leo.

Certa vez G. Bernard Shaw perguntou a uma lady se ela iria para a cama com ele, por 10.000 libras. A dama sorriu, assentindo. Então Shaw perguntou-lhe: e por dez li-

bras? Indignada, a virtuosa senhora ripostou: E o senhor pensa que sou uma prostituta? Isto, disse-lhe Shaw com toda a calma, já está acertado. Só falta acertar o preço.

A historietta é talvez a melhor ilustração da nova atitude dos bancos credores. Finalmente abriram a guarda e as pernas. Não foi obra de Funaro, do Bresser, nem de qualquer mexicano, argentino ou outro machão cucaracho. Mera obra das circunstâncias da nossa irresponsabilidade e incapacidade e das conveniências deles, credores.

O esgotamento das reservas brasileiras e argentinas é a certeza, que agora, exangue o corpo, o melhor é beijar o morto e fechar o cadáver, e que faz os bancos americanos interromperem a comédia de rolagem dos créditos e dos seus gigantesco lucros contábeis e tratem a coisa de modo diferente.

Mais uma vez, a liderança nos movimentos é dos credores. O plano do Morgan para o México é bom para o Morgan, ótimo para o Tesouro americano e regular para o México. Morto não reclama. Os spreads aumentam, não há limites da flutuação das taxas.

É verdade que os bancos embora ganhem em relação ao valor de seus créditos no mercado, perdem um tanto em relação ao valor de face. Mas salvam a própria, disfarçando a prostituição através de uma complicada política barroca, para uso dos maridos auditores e acionistas. Embora tenham cedido.

É aí o ponto. A perda está acertada e aceita. O seu tamanho porém variará conforme o negócio. Conforme decidirem os parceiros.

O que é certo é que não faz mais sentido ter-se qualquer reunião sobre renegociação, conforme as regras ditadas pelo mesmo Morgan ao mesmo Delfim em 1982. Cessa tudo o que a musa antiga canta. Bobagem qualquer outra reunião com o comitê. O mercado ultra zona, os acordos antigos, coisa de coronel. Se formas competentes, em breve a dívida externa poderá ser um peodinho da juventude.

A iniciativa porém continua com o credor. Há rametas e rametas. Há vinhos e zumbis. E clientes de caderneta.